

A cidade e as serras





EÇA DE QUEIRÓS

A cidade e as serras

TEXTO INTEGRAL

Cotejado com a edição portuguesa
de Lello & Irmão – Editores, Porto.

Apresentação de

Paulo Franchetti

gerente editorial Claudia Morales
editor Fabricio Waltrick
editora assistente Malu Rangel
diagramadora Thatiana Kalaes
coordenação editorial Todotipo Editorial
revisão Todotipo Editorial
projeto gráfico Fabricio Waltrick e Luiz Henrique Dominguez
coordenadora de arte Soraia Scarpa
editoração eletrônica Acqua Estúdio Gráfico

imagem da capa O jardim das vacas, 1988, obra de Leda Catunda

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS - RJ

Q41c
4.ed.

Queirós, Eça de, 1845-1900

A cidade e as serras / Eça de Queirós. - 4.ed. - São Paulo :
Ática, 2011.

224p. - (Bom Livro)

Anexos

ISBN 978-85-08-14565-2

1. Romance português. I. Título. II. Série.

11-6877.

CDD 869.3

CDU 821.134.3-3



ISBN 978 85 08 14565-2 (aluno)

ISBN 978 85 08 12606-4 (professor)

CAE: 265816 | Código da obra CL 737815

2016

4ª edição

3ª impressão

Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática | 2009

Avenida das Nações Unidas, 7221 | Cep 05425-902 | São Paulo | SP

Atendimento ao cliente: 4003-3061 | atendimento@atica.com.br

www.atica.com.br

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



Sumário

Entre o campo e a cidade 7

Advertência 13

I 15

II 25

III 33

IV 44

V 60

VI 70

VII 80

VIII 91

IX 121

X 146

XI 154

XII 159

XIII 162

XIV 171

XV 177

XVI 179

Vida & obra 191

Resumo biográfico 215

Obras do autor 217

Obra da capa 221

Paulo Franchetti

Doutor em letras pela Universidade de São Paulo (USP) e professor titular da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

Na fortuna crítica de Eça de Queirós, *A cidade e as serras* ocupa um lugar bastante diferenciado: é o texto sobre o qual podemos ler os julgamentos mais radicais e contraditórios. Isso se deve exclusivamente ao fato de que, para certa crítica, a questão central é sobretudo ideológica: estaria Eça de Queirós propondo, com esse romance, uma solução “reacionária” para Portugal, ao fazer o elogio da ruralidade, do “atraso” português ante a realidade dos países mais desenvolvidos da Europa? Passado mais de um século desde que foi escrito, *A cidade e as serras* pode ser visto com mais isenção, e ser reconhecido como uma das obras mais interessantes de Eça. Mais do que isso, podemos hoje reconhecer que, se é verdade que esse texto traz as marcas mais fortes de seu próprio tempo, também é verdade que há nele um aspecto muito atual: a sátira ao culto da tecnologia e do maquinismo. Antes de tratar da atualidade do livro, entretanto, vale a pena situá-lo melhor no contexto de origem.

Mais do que uma tipologia em que se polarizam a cidade e o campo, esta obra apresenta uma discussão sobre o que fazer diante de uma sociedade burguesa em que o valor supremo é o dinheiro e tudo o que ele pode comprar. Uma solução finissecular foi o decadentismo. No livro que é ao mesmo tempo sua suma e seu programa, *À rebours* (1884), o francês J. K. Huysmans cria o personagem des Esseintes, que se recusa à vida em sociedade e tenta criar um mundo à parte, regido pela estética e pelo gosto mais refinado: sua casa nos arredores de Paris. Nesse ambiente controlado, em que tudo caminha na direção contrária à seguida pelo ambiente burguês, des Esseintes se mantém preservado de qualquer contato com a vida social e com as formas comuns de sentir e de agir. No entanto, não parece ser essa a melhor forma de enfrentar o mundo burguês hostil na obra de Huysmans, após um longo confinamento no universo todo artificial e de exaltação sensória, des Esseintes, por ordens médicas, tem de

voltar à vida social e “natural”, isto é, não totalmente artificial. Fracassa, assim, o dândi que tenta subtrair-se ao próprio tempo.

Ora, em *A cidade e as serras*, o protagonista é, em certo sentido, o contrário de des Esseintes. É também um dândi, um homem rico, que decide criar, numa casa, um ambiente muito diferenciado. Entretanto, seu caminho não é o isolamento, mas a integração. Assim, enquanto des Esseintes tentava resistir às tendências de sua época, Jacinto busca integrar-se no novo mundo burguês, financista e industrial, por intermédio do culto da informação e da técnica moderna; enquanto des Esseintes só encontra dignidade humana em sua reclusão orgulhosa, Jacinto por algum tempo pensara que seria pela ciência e pela tecnologia que poderia potencializar melhor suas faculdades espirituais. Aos diferentes caminhos correspondem diferentes desfechos: des Esseintes termina sofrendo uma espécie de estafa dos sentidos; Jacinto, depois de adquirir todas as novidades do conhecimento e da tecnologia, termina por ficar completamente inapetente. Ou seja: embora propondo o caminho oposto ao trilhado por des Esseintes, também Jacinto fracassa na consecução de seu objetivo.

O livro de Eça de Queirós, contudo, não se encerra no momento em que se demonstra a falência do projeto de Jacinto. Trata-se aqui, como o leitor verá, de uma história de salvação, com final feliz, desenvolvida em três momentos bem marcados: uma vivência de caráter infernal, uma experiência de redenção e, entre ambas, um momento de purificação, de iniciação numa nova realidade. No que diz respeito à questão ideológica implicada por essa estrutura triádica, diferentemente do que pareciam acreditar alguns dos críticos, *A cidade e as serras* é um livro cuja atualidade só tem aumentado com o passar do tempo. A ideia de que qualquer crítica à ciência e à tecnologia representa um ponto de vista reacionário e passadista já não faz sentido hoje em dia. Tampouco é sustentável atribuir imediatamente à nostalgia da vida rural — em que sobrevivem valores pré-industriais — uma coloração apenas regressiva. Pelo contrário, hoje, quando a questão ecológica ocupa um plano central na prática cotidiana de muitas sociedades, algumas das experiências políticas mais fortes e democráticas de nosso tempo parecem situar-se justamente nas tentativas de controle sobre o caráter coercitivo, destruidor e invasivo da tecnologia, nas quais as organizações ambientalistas e não governamentais têm tido papel decisivo. Nesse quadro, o romance de Eça passa por uma nova leitura e valorização, e o discurso que faz a personagem Zé Fernandes, do alto da colina de Montmartre, tentando mostrar a Jacinto os horrores da poluição gerada pelas cidades industriais, tem uma atualidade e um fascínio que não

podia ter para os homens de décadas atrás. Da mesma forma, também o escritório de Jacinto em Paris, que recebe e difunde tanta informação inútil, é uma divertida versão oitocentista de uma central informática, antecipando o que hoje sucede em muitas casas e escritórios invadidos pela banalidade da comunicação interativa por meio da internet e pela profusão de canais de televisão a cabo. Pelo menos do ponto de vista de Jacinto, a felicidade não parece incompatível com a tecnologia. É o que nos sugere o final da história, com a introdução do telefone — esse emblema da modernidade — no paraíso rural de Tormes. Ou seja: não existe uma proposta de recusa completa à civilização e a seus produtos tecnológicos. Trata-se antes de uma recusa à tecnologia (e à cidade, entendida como o lugar de sua produção) em sua forma de relação com o mundo, como alternativa à vida “natural”.

Embora o sentido geral do enredo seja muito claro, é preciso observar que a narrativa se faz por intermédio de um narrador que é também uma personagem importante: Zé Fernandes. Não se pode ignorar que a representação de Jacinto, bem como de seus ambientes e ideias, estão inteiramente filtrados pelos olhos e pelas palavras desse narrador astuto, que tem uma tese a demonstrar. Zé Fernandes, quando bem observado, revela-se um narrador ambíguo: dissimulado quanto ao que de fato sabe e pensa, contraditório algumas vezes, fascinado sempre pela cidade que, no nível do discurso, renega e combate. Há sobretudo um traço importante na personalidade desse narrador, que é uma ponta de ressentimento que por vezes aflora como provincianismo, por vezes como timidez diante do *grand monde* citadino. Ora, como é Zé Fernandes quem defende desde o começo a tese que a história acaba por provar, suas intenções e sua caracterização psicológica não devem passar despercebidas ao leitor que quiser obter desse livro inteligente todo o prazer que ele pode propiciar.



A cidade e as serras

ADVERTÊNCIA

Desde a página 126*, até o final, as provas deste livro não foram revistas pelo autor, arrebatado pela morte antes de haver dado a esta parte da sua escrita aquela última demão, em que habitualmente ele punha a diligência mais perseverante e mais admiravelmente lúcida.

Aquele dos seus amigos e companheiro de letras, a quem foi confiado o trabalho delicado e piedoso de tocar no manuscrito póstumo de Eça de Queirós, ao concluir o desempenho de tal missão, beija com o mais enternecido e saudoso respeito a mão, para todo o sempre imobilizada, que traçou estas páginas encantadoras; e faz votos por que a revisão de que se incumbiu não deslustre muito grosseiramente a imortal auréola com que ficará resplandecendo na literatura portuguesa este livro, em que o espírito do grande escritor parece exalar-se da vida num terno suspiro de doçura, de paz, e de puro amor à terra da sua pátria.

24 de abril de 1901.

* O número de página refere-se a edição portuguesa de Lello & Irmão - Editores. (N.E.)

O meu amigo Jacinto nasceu num palácio, com cento e nove contos de renda em terras de sementeira, de vinhedo, de cortiça e de olival.

No Alentejo, pela Estremadura, através das duas Beiras, densas sebes ondulando por colina e vale, muros altos de boa pedra, ribeiras, estradas, delimitavam os campos desta velha família agrícola que já entulhava o grão e plantava cepa em tempos de el-rei D. Dinis¹. A sua quinta e casa senhorial de Tormes, no Baixo Douro, cobriam uma serra. Entre o Tua e o Tinhela, por cinco fartas léguas, todo o torrão² lhe pagava foro³. E cerrados pinheirais seus negrejavam desde Arga até ao mar de Âncora. Mas o palácio onde Jacinto nascera, e onde sempre habitara, era em Paris, nos Campos Elísios, nº 202.

Seu avô, aquele gordíssimo e riquíssimo Jacinto a quem chamavam em Lisboa o *D. Galião*, descendo uma tarde pela travessa da Trabuqueta, rente dum muro de quintal que uma parreira toldava, escorregou numa casca de laranja e desabou no lajedo. Da portinha da horta saía nesse momento um homem moreno, escanhado, de grosso casaco de baetão verde e botas altas de picador, que, galhofando e com uma força fácil, levantou o enorme Jacinto — até lhe apanhou a bengala de castão de ouro que rolara para o lixo. Depois, demorando nele os olhos pestanudos e pretos:

— Ó Jacinto Galião, que andas tu aqui, a estas horas, a rebolar pelas pedras?

1 **dom Dinis (1261-1325)**: um dos primeiros reis de Portugal. Governou de 1279 a 1325. (N.E.)

2 **torrão**: território. (N.E.)

3 **foro**: quantia ou pensão paga anualmente ao senhorio. (N.E.)

E Jacinto, aturdido e deslumbrado, reconheceu o sr. Infante D. Miguel⁴!

Desde essa tarde amou aquele bom Infante como nunca amara, apesar de tão guloso, o seu ventre, e apesar de tão devoto o seu Deus! Na sala nobre da sua casa (à Pampulha) pendurou sobre os damascos o retrato do “seu Salvador”, enfeitado de palmitos como um retábulo e, por baixo a bengala que as magnânimas mãos reais tinham erguido do lixo. Enquanto o adorável, desejado Infante penou no desterro de Viena, o barrigudo senhor corria, sacudido na sua sege amarela, do botequim do Zé Maria em Belém à botica do Plácido nos Algibebebes, a gemer as saudades do *anjinho*, a tramar o regresso do *anjinho*. No dia, entre todos bendito, em que a *Pérola* apareceu à barra com o Messias, engrinaldou a Pampulha, ergueu no Caneiro um monumento de papelão e lona onde D. Miguel, tornado S. Miguel, branco, de auréola e asas de Arcanjo, furava de cima do seu corcel de Alter o Dragão do Liberalismo, que se estorcia vomitando a Carta. Durante a guerra com o “outro, com o pedreiro-livre⁵” mandava recoveiros a Santo Tirso, a S. Gens, levar ao Rei fiambres, caixas de doce, garrafas do seu vinho de Tarrafal, e bolsas de retrós atochadas de peças que ele ensaboava para lhes avivar o ouro. E quando soube que o sr. D. Miguel, com dois velhos baús amarrados sobre um macho, tomara o caminho de Sines e do final desterro — Jacinto *Galião* correu pela casa, fechou todas as janelas como num luto, berrando furiosamente:

— Também cá não fico! também cá não fico!

Não, não queria ficar na terra perversa de onde partia, esbulhado e escoraçado, aquele Rei de Portugal que levantava na rua os Jacintos! Embarcou para França com a mulher, a Sr^a D. Angelina Fafes (da tão falada casa dos Fafes da Avelã); com o filho, o Cintinho, menino amarelinho, molezinho, coberto de caroços e leicenças⁶; com a aia e com o moleque. Nas costas da Cantábria o paquete encontrou tão rijos mares que a Sr^a D. Angelina, esguedelhada, de joelhos na enxerga do beliche, prometeu ao Senhor dos Passos de Alcântara uma coroa de espinhos, de ouro, com as gotas de sangue em rubis do Pegu. Em Baiona, onde arribaram, Cintinho teve icterícia. Na estrada de Orleães, numa noite agreste, o eixo da berlinda em que jornadeavam partiu, e o nédio⁷ senhor, a delicada senhora da

4 **dom Miguel (1802-1866)**: irmão de dom Pedro I e rei de Portugal de 1828 a 1834. (N.E.)

5 **pedreiro-livre**: o termo (em inglês, *free mason*) refere-se a dom Pedro I (1798-1834), então imperador do Brasil, que era maçom. A guerra a que se refere o autor é a que ocorreu entre dom Pedro e dom Miguel, durante o reinado deste, devido à crise de sucessão. Os tradicionalistas eram liderados pelo rei; os liberais, pelo ex-imperador brasileiro. (N.E.)

6 **leicença**: furúnculo. (N.E.)

7 **nédio**: luzidio, brilhante, nítido; de pele lustrosa. (N.E.)

casa da Avelã, o menino, marcharam três horas na chuva e na lama do exílio até uma aldeia, onde, depois de baterem como mendigos a portas mudas, dormiram nos bancos duma taberna. No “Hotel dos Santos Padres”, em Paris, sofreram os terrores dum fogo que rebentara na cavalaria, sob o quarto de *D. Galião*, e o digno fidalgo, rebolando pelas escadas em camisa, até ao pátio, enterrou o pé nu numa lasca de vidro. Então ergueu amargamente ao Céu o punho cabeludo, e rugiu:

— Irra! É demais!

Logo nessa semana, sem escolher, Jacinto *Galião* comprou a um príncipe polaco, que depois da tomada de Varsóvia se metera frade cartuxo, aquele palacete dos Campos Elísios, nº 202. E sob o pesado ouro dos seus estuques, entre as suas ramalhudas sedas se enconchou, descansando de tantas agitações, numa vida de pachorra e de boa mesa, com alguns companheiros de emigração (o desembargador Nuno Velho, o conde de Rabacena, outros menores), até que morreu de indigestão, duma lampreia⁸ de escabeche que mandara o seu procurador em Montemor. Os amigos pensavam que a Sr^a D. Angelina Fafes voltaria ao reino. Mas a boa senhora temia a jornada, os mares, as caleças que racham. E não se queria separar do seu Confessor, nem do seu Médico, que tão bem lhe compreendiam os escrúpulos e a asma.

— Eu, por mim, aqui fico no 202 (declarara ela), ainda que me faz falta a boa água de Alcolena...

O Cintinho, esse, em crescendo, que decida.

O Cintinho crescera. Era um moço mais esguio e lívido que um círio, de longos cabelos corredios, narigudo, silencioso, encafuado em roupas pretas, muito largas e bambas; de noite, sem dormir, por causa da tosse e de sufocações, errava em camisa com uma lamparina através do 202; e os criados na copa sempre lhe chamavam a *Sombra*. Nessa sua mudez e indecisão de *sombra* surdida, ao fim do luto do papá, o gosto muito vivo de tornear madeiras ao torno; depois, mais tarde, com a melada flor dos seus vinte anos, brotou nele outro sentimento, de desejo e de pasmo, pela filha do desembargador Velho, uma menina redondinha como uma rola, educada num convento de Paris, e tão habilidosa que esmaltava, dourava, consertava relógios e fabricava chapéus de feltro. No Outono de 1851, quando já se desfolhavam os castanheiros dos Campos Elísios, o Cintinho cuspi-lhou sangue. O médico, acarinhando o queixo e com uma ruga séria na

8 **lampreia:** espécie de peixe, comum a águas frias de partes do hemisfério Norte, muito saborosa. (N.E.)

testa imensa, aconselhou que o menino abalasse para o golfo Juan ou para as tépidas areias de Arcachon.

Cintinho, porém, no seu aferro de sombra, não se quis arredar da Terezinha Velho, de quem se tornara, através de Paris, a muda, tardonha sombra. Como uma sombra, casou; deu mais algumas voltas ao torno; cuspiu um resto de sangue; e passou, como uma sombra.

Três meses e três dias depois do seu enterro o meu Jacinto nasceu.

Desde o berço, onde a avó espalhava funcho e âmbar para afugentar a Sorte-Ruim, Jacinto medrou com a segurança, a rijeza, a seiva rica dum pinheiro das dunas.

Não teve sarampo e não teve lombrigas. As letras, a Tabuada, o Latim entraram por ele tão facilmente como o sol por uma vidraça. Entre os camaradas, nos pátios dos colégios, erguendo a sua espada de lata e lançando um brado de comando, foi logo o vencedor, o Rei que se adula, e a quem se cede a fruta das merendas. Na idade em que se lê Balzac e Musset nunca atravessou os tormentos da sensibilidade; — nem crepúsculos quentes o retiveram na solidão duma janela, padecendo dum desejo sem forma e sem nome. Todos os seus amigos (éramos três, contando o seu velho escudeiro preto, o Grilo) lhe conservaram sempre amizades puras e certas — sem que jamais a participação do seu luxo as aivasse ou fossem desanimadas pelas evidências do seu egoísmo. Sem coração bastante forte para conceber um amor forte, e contente com esta incapacidade que o libertava, do amor só experimentou o mel — esse mel que o amor reserva aos que o recolhem, à maneira das abelhas, com ligeireza, mobilidade e cantando. Rijo, rico, indiferente ao Estado e ao Governo dos Homens, nunca lhe conhecemos outra ambição além de compreender bem as Ideias Gerais; e a sua inteligência, nos anos alegres de escolas e controversias, circulava dentro das Filosofias mais densas como enguia lustrosa na água limpa dum tanque. O seu valor, genuíno, de fino quilate, nunca foi desconhecido, nem desapreciado; e toda a opinião, ou mera facécia que lançasse, logo encontrava uma aragem de simpatia e concordância que a erguia, a mantinha embalada e rebrilhando nas alturas. Era servido pelas coisas com docilidade e carinho; — e não recorde que jamais lhe estalasse um botão da camisa, ou que um papel maliciosamente se escondesse dos seus olhos, ou que ante a sua vivacidade e pressa uma gaveta pérfida emperrasse. Quando um dia, rindo com descrido riso da Fortuna e da sua Roda, comprou a um sacristão espanhol um Décimo de Lotaria, logo a Fortuna, ligeira e ridente sobre a sua Roda, correu num fulgor, para lhe

trazer quatrocentas mil pesetas. E no céu as Nuvens, peçadas e lentas, se avistavam Jacinto sem guarda-chuva, retinham com reverência as suas águas até que ele passasse... Ah! o âmbar e o funcho da Sr^a D. Angelina tinham escorraçado do seu destino, bem triunfalmente e para sempre, a Sorte-Ruim! A amável avó (que eu conheci obesa, com barba) costumava citar um soneto natalício do desembargador Nunes Velho contendo um verso de boa lição:

Sabei, senhora, que esta Vida é um rio...

Pois um rio de Verão, manso, translúcido, harmoniosamente estendido sobre uma areia macia e alva, por entre arvoredos fragrantes e ditosas aldeias, não ofereceria àquele que o descesse num barco de cedro, bem toldado e bem almofadado, com frutas e Champanhe a refrescar em gelo, um Anjo governando ao leme, outros Anjos puxando à sirga, mais segurança e doçura do que a Vida oferecia ao meu amigo Jacinto.

Por isso nós lhe chamávamos “o Príncipe da Grã-Ventura”!

Jacinto e eu, José Fernandes, ambos nos encontramos e acamaradamos em Paris, nas Escolas do Bairro Latino — para onde me mandara meu bom tio Afonso Fernandes Lorena de Noronha e Sande, quando aqueles malvados me riscaram da Universidade por eu ter esborrachado, numa tarde de procissão, na Sofia, a cara sórdida do dr. Pais Pita. Ora nesse tempo Jacinto concebera uma ideia... Este Príncipe concebera a ideia de que “o homem só é superiormente feliz quando é superiormente civilizado”. E por homem civilizado o meu camarada entendia aquele que, robustecendo a sua força pensante com todas as noções adquiridas desde Aristóteles, e multiplicando a potência corporal dos seus órgãos com todos os mecanismos inventados desde Terâmenes, criador da roda, se torna um magnífico Adão, quase onipotente, quase onisciente, e apto portanto a recolher dentro duma sociedade e nos limites do Progresso (tal como ele se comportava em 1875) todos os gozos e todos os proveitos que resultam de Saber e de Poder... Pelo menos assim Jacinto formulava copiosamente a sua ideia, quando conversávamos de fins e destinos humanos, sorvendo *bocks*⁹ poeirentos, sob o toldo das cervejarias filosóficas, no Boulevard Saint-Michel.

Este conceito de Jacinto impressionara os nossos camaradas de cenáculo, que tendo surgido para a vida intelectual, de 1866 a 1875, entre a batalha

9 *bock*: cerveja escura com teor alcoólico mais elevado. (N.E.)

de Sadova e a batalha de Sedan, e ouvindo constantemente, desde então, aos técnicos e aos filósofos, que fora a Espingarda de agulha que vencera em Sadova e fora o Mestre de escola quem vencera em Sedan, estavam largamente preparados a acreditar que a felicidade dos indivíduos, como a das nações, se realiza pelo ilimitado desenvolvimento da Mecânica e da Erudição. Um desses moços mesmo, o nosso inventivo Jorge Carlande, reduzira a teoria de Jacinto, para lhe facilitar a circulação e lhe condensar o brilho, a uma forma algébrica:

$$\left. \begin{array}{l} \text{Suma ciência} \\ \times \\ \text{Suma potência} \end{array} \right\} = \text{Suma felicidade}$$

E durante dias, do Odeon à Sorbona, foi louvada pela mocidade positiva a *Equação Metafísica de Jacinto*.

Para Jacinto, porém, o seu conceito não era meramente metafísico e lançado pelo gozo elegante de exercer a razão especulativa: — mas constituía uma regra, toda de realidade e de utilidade, determinando a conduta, modalizando a vida. E já a esse tempo, em concordância com o seu preceito — ele se surtira da *Pequena Enciclopédia dos Conhecimentos Universais* em setenta e cinco volumes e instalara, sobre os telhados do 202, num mirante envidraçado, um telescópio. Justamente com esse telescópio me tornou ele palpável a sua ideia, numa noite de Agosto, de mole e dormente calor. Nos céus remotos lampejavam relâmpagos lânguidos. Pela Avenida dos Campos Elísios, os fiacres rolavam para as frescuras do Bosque, lentos, abertos, cansados, transbordando de vestidos claros.

— Aqui tens tu, Zé Fernandes (começou Jacinto, encostado à janela do mirante), a teoria que me governa, bem comprovada. Com estes olhos que recebemos da Madre natureza, lestos e sãos, nós podemos apenas distinguir além, através da Avenida, naquela loja, uma vidraça alumiada. Mais nada! Se eu porém aos meus olhos juntar os dois vidros simples dum binóculo de corridas, percebo, por trás da vidraça, presuntos, queijos, boiões de geleia e caixas de ameixa seca. Concluo portanto que é uma mercearia. Obtive uma noção: tenho sobre ti, que com os olhos desarmados vês só o luzir da vidraça, uma vantagem positiva. Se agora, em vez destes vidros simples, eu usasse os do meu telescópio, de composição mais científica, poderia avistar além, no planeta Marte, os mares, as neves, os canais, o recorte dos golfos, toda a geografia dum astro que circula a milhares de léguas dos Campos Elísios. É outra noção, e tremenda! Tens

aqui pois o olho primitivo, o da Natureza, elevado pela Civilização à sua máxima potência de visão. E desde já, pelo lado do olho portanto, eu, civilizado, sou mais feliz que o incivilizado, porque descubro realidades do Universo que ele não suspeita e de que está privado. Aplica esta prova a todos os órgãos e compreenderás o meu princípio. Enquanto à inteligência, e à felicidade que dela se tira pela incansável acumulação das noções, só te peço que compares Renan e o Grilo... Claro é portanto que nos devemos cercar da Civilização nas máximas proporções para gozar nas máximas proporções a vantagem de viver. Agora concordas, Zé Fernandes?

Não me parecia irrecusavelmente certo que Renan fosse mais feliz que o Grilo; nem eu percebia que vantagem espiritual ou temporal se colha em distinguir através do espaço manchas num astro, ou através da Avenida dos Campos Elísios presuntos numa vidraça. Mas concordei, porque sou bom, e nunca desalojarei um espírito do conceito onde ele encontra segurança, disciplina e motivo de energia. Desabotoei o colete, e lançando um gesto para o lado do café e das luzes:

— Vamos então beber, nas máximas proporções, *brandy and soda*, com gelo!

Por uma conclusão bem natural, a ideia de Civilização, para Jacinto, não se separava da imagem de Cidade, duma enorme Cidade, com todos os seus vastos órgãos funcionando poderosamente. Nem este meu supercivilizado amigo compreendia que longe de armazéns servidos por três mil caixeiros; e de Mercados onde se despejam os vergéis¹⁰ e lezírias¹¹ de trinta províncias; e de Bancos em que retine o ouro universal; e de Fábricas fumegando com ânsia, inventando com ânsia; e de Bibliotecas abarrotadas, a estalar, com a papelada dos séculos; e de fundas milhas de ruas, cortadas, por baixo e por cima, de fios de telégrafos, de fios de telefones, de canos de gases, de canos de fezes; e da fila atroante dos ônibus, tramas, carroças, velocípedes, calhambeques, parelhas de luxo; e de dois milhões duma vaga humanidade, fervilhando, a ofegar, através da Polícia, na busca dura do pão ou sob a ilusão do gozo — o homem do século XIX pudesse saborear, plenamente, a delícia de viver!

Quando Jacinto, no seu quarto do 202, com as varandas abertas sobre os lilases, me desenrolava estas imagens, todo ele crescia, iluminado. Que criação augusta, a da Cidade! Só por ela, Zé Fernandes, só por ela, pode o homem soberbamente afirmar a sua alma!...

10 *vergel*: jardim, pomar. (N.E.)

11 *lezíria*: terra plana e alagadiça, localizada nas margens de um rio. (N.E.)

— Ó Jacinto, e a religião? Pois a religião não prova a alma?

Ele encolhia os ombros. A religião! A religião é o desenvolvimento suntuoso de um instinto rudimentar, comum a todos os brutos, o terror. Um cão lambendo a mão do dono, de quem lhe vem o osso ou chicote, já constitui toscamente um devoto, o consciente devoto, prostrado em rezas ante o Deus que distribui o Céu ou Inferno!... Mas o telefone! o fonógrafo!

— Aí tens tu, o fonógrafo!... Só o fonógrafo, Zé Fernandes, me faz verdadeiramente sentir a minha superioridade de ser pensante e me separa do bicho. Acredita, não há senão a Cidade, Zé Fernandes, não há senão a Cidade!

E depois (acrescentava) só a Cidade lhe dava a sensação, tão necessária à vida como o calor, da solidariedade humana. E no 202, quando considerava em redor, nas densas massas do casario de Paris, dois milhões de seres arquejando na obra da Civilização (para manter na natureza o domínio dos Jacintos!), sentia um sossego, um conchego, só comparáveis ao do peregrino, que, ao atravessar o deserto, se ergue no seu dromedário, e avista a longa fila da caravana marchando, cheia de lumes e de armas...

Eu murmurava, impressionado:

— Caramba!

Ao contrário no campo, entre a inconsciência e a impassibilidade da Natureza, ele tremia com o terror da sua fragilidade e da sua solidão. Estava aí como perdido num mundo que lhe não fosse fraternal; nenhum silvado encolheria os espinhos para que ele passasse; se gemesse com fome nenhuma árvore, por mais carregada, lhe estenderia o seu fruto na ponta compassiva dum ramo. Depois, em meio da Natureza, ele assistia à súbita e humilhante inutilização de todas as suas faculdades superiores. De que servia, entre plantas e bichos — ser um Gênio ou ser um Santo? As searas não compreendem as *Geórgicas*¹², e fora necessário o socorro ansioso de Deus, e a inversão de todas as leis naturais, e um violento milagre para que o lobo de Agubio não devorasse S. Francisco de Assis, que lhe sorria e lhe estendia os braços e lhe chamava “meu irmão lobo!” Toda a intelectualidade, nos campos, se esteriliza, e só resta a bestialidade. Nesses reinos crassos do Vegetal e do Animal duas únicas funções se mantêm vivas, a nutritiva e a procriadora. Isolada, sem ocupação, entre focinhos e

12 *Geórgicas (As)*: poema de Virgílio (entre 39 e 29 a.C.) que visava incentivar a volta do povo romano à agricultura, no reinado de Augusto, imperador romano que governou entre 27 a.C. e 14 d.C. (N.E.)